



COLHENDO O FRUTO — (Cliché do sr. João de Magalhães Junior)

N.º 366 Lisboa, 24 de Fevereiro de 1913

Assinatura para Portugal, colonias
portuguezas e Hespanha:

Ano, 4\$800 — Semestre, 2\$400 — Trimestre, 1\$200

Ilustração
PORTUGUEZA

Dirêtor e Proprietario: J. J. DA SILVA GARAÇA
Editor: JOSE' JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Compo-
sição e Impressão: RUA DO SECULO, 43

GRATIS AOS HERNIADOS

Um methodo simples que tem curado centenares de pessoas, sem Dôr, sem Perigo, sem impedir o trabalho e sem perda de tempo

OFFERECE-SE A TODOS UMA EXPERIENCIA GRATUITA

A hernia (quebradura) é curavel sem operação, dôr, perigo ou perda de tempo. Quando dizemos curavel, não queremos dar a entender que a quebradura possa unicamente reter-se, mas sim que se effectua uma cura que permite deixar de usar fundas.

A fim de levar a todos o convencimento de que a nossa descoberta pode effectivamente curar, pedimos que façam uma experiencia, que nada lhes custará. Curar significa fazer cessar todo o soffrimento, augmentar o vigor physico e mental, a facultade de gozar de novo as delicias da vida e muitos annos de bem estar e satisfação acrescentados á vida. Offerecemos gratuitamente uma amostra do nosso tratamento, que tem curado em centenas de casos.

Não é necessario mandar dinheiro; basta preencher o coupon que se segue, indicando no desenho a posição da quebradura, e mandarnos o coupon. Ninguém deve desconfiar, um só dia, este importante assumpto, nem continuar a atormentar-se com fundas compradas feitas, baratas e communs.

Esta offerta é a mais equitativa que se tem feito e todos os que padecem de hernia a deveriam aproveitar immediatamente.

COUPON (S 161.)

Marque-se n'esta illustração a posição da quebradura e responda-se ás perguntas. Em seguida corte-se o coupon e mande-se ao **Dr. W. S. Rice, 8 e 9, Stoneycutter Street, Londres, E. C.**



Que idade tem?

Incommoda-o a que-

ra adura?

Usa fundas?

Nome

Domicilio

SOIS BAIXA mas podeis crescer SETE CENTIMETROS em DOIS MEZES.



Basta consagrar 5 minutos cada dia ao **GRANDISSEUR DESBONNET**, o maior descobrimento do seculo em materia de cultura fisica. Póde-se crescer em toda a idade como o prova a experiencia feita perante a Corporação Medica pelo professor Desbonnet que tem feito crescer diversas pessoas de 40 anos sete centimetros em tres mezes sem droga e sem nenhum esse ciclo perigoso de enforcamento.

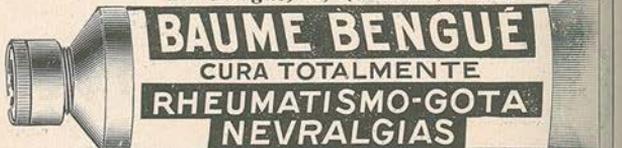
O aparelho e o método completo são enviados francos de porte ao domicilio contra remessa de quarenta francos dirigidos a Mr. Desbonnet, 48 (N). Faubourg Poissonniere e, Paris (França).

Tem-se vendido este ano em Portugal mais de 18.000 aparelhos. **INGREDI-LOS** sereis convencidos lendo o folheto explicativo illustrado (enviado gratis).

Piperazina MIDY
cura Gota,
Reumatismo,
Areia.
Exijir a Marca MIDY PARIS

VERDADEIROS GRÃOS DE SAUDE DO D'FRANCO
CONTRA PRISÃO DE VENTRE
115 ANOS D'EXISTENCIA

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

Comprem os Bordados **Schweizer**

que vendemos franco de porte a domicilio directamente da Suissa

BLUSAS Desde frs. 5.80 **VESTIDOS** Desde frs. 15.-

VESTIDOS PARA CRIANÇA Desde frs. 6.75

do melhor bordado suizo, sobre batiste, voile, tulle, crêpon, marquissette, lã e sobre sedas novidade

PEÇAM AMOSTRAS E FIGURINOS FRANCO.

Os nossos vestidos bordados, se vendem sem confecturar mas enviamos os padrões cortados para todos os nossos modelos e em todas as medidas a quem os pedir

SCHWEIZER & C. I.E
LUCERNE A 22 (Suissa)



MEDALHA DE OURO. EXPOSIÇÃO UNIVERSAL PARIS 1900



Um perfume fortissimo de inexcêdível aroma num frasco muito elegante de cristal finissimo. Encontra-se em todas as boas casas que vendem perfumarias.

Comprem as **Sedas Suissas**



Peçam as amostras de nossas novidades de primavera e verão para vestidos e bluzas: Crêpe de Chine, E-lenne, Voile, Foulards, Messaline, Mousselin; 120 cm largo desde Francos 1,25 o metro, em preto, branco e cor, bem como das bluzas e vestidos bordados em batista, lã, tela e seda.

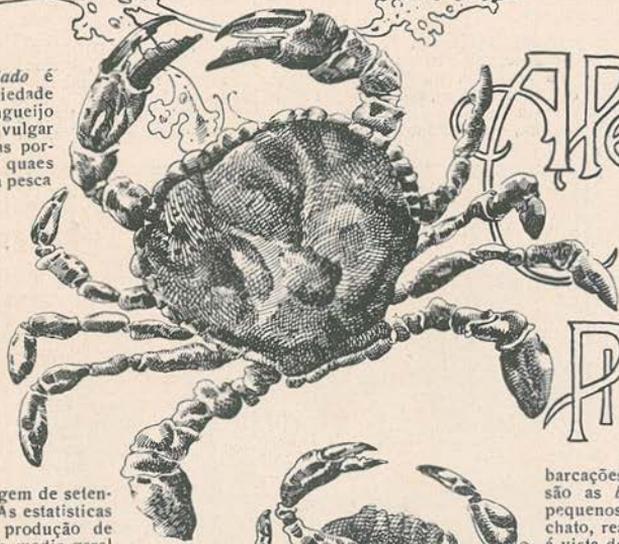
Vendemos as nossas sedas de solidez garantida directamente aos particulares e franco de porto no domicilio.

Schweizer e Ca, Lucerne E 12 (Suissa)
Exportação de sedas - Fornecedores da Corte.

O *pitado* é uma variedade de caranguejo muito vulgar nas águas portuguesas, nas quaes é o j-tou'uma pesca consideravel.

É bastante procurado pelos lavradores, que o usam como adubo no cultivo das suas leiras, sendo riquissimo em materias organicas azotadas, que existem, segundo as analyses, na elevada percentagem de setenta por cento! As estatisticas accusam uma produção de 93:244\$000 réis, media geral nos ultimos quinze anos.

Na costa do norte de Portugal é conhecido por diferentes nomes: *patêlo*, do Minho ao Lima; *pitado*, d'aqui até ao Douro; *meaxalho* ou *escasso*, para o sul até Aveiro e Figueira da Foz. Tem a fórma circular, com cinco centimetros de diametro em media, couraça lisa de côr acastanhada escura, e o ventre branco.



1. Os carangueijos—2. Barcos: o descarregar das bateiras do *pitado*.

barcações empregadas n'ela são as *bateiras* e *varinos*, pequenos bacos de fundo chato, realisando-se sempre á vista da costa e, ás vezes, a certa distancia d'ela, unicamente em condições de tempo bonançoso, sobretudo nos mezes de agosto e setembro, e, ainda assim, os desastres são frequentes, porque os pescadores, com o seu espirito ganancioso, carregam em

com o seu espirito ganancioso, carregam em



A sua pesca faz-se com regularidade em quasi todos os portos da costa occidental portugueza, sendo, contudo, muito mais importante na costa norte do paiz. As em-

demasia as suas pequenas e frageis embarcações, e, não raras vezes, ao atravessarem a arrebentação das ondas, junto á praia, no regresso da pesca, são victimas



quele dia, o que representa algumas horas de laboriosas fadigas e canseiras.

Em geral, os pescadores largam de terra na vazante e regressam na enchente seguinte, trabalhando, em regra, de dia, quando encontram o *pilado* em profundidades superiores a 20 metros, preferindo a noite no caso contrario, porque, segundo dizem, quando pescam de dia em pequenas profundidades, o *pilado* distingue facilmente a rede e foge d'ela, abrindo-se na areia do fundo. A demora no mar depende tambem da distancia a que encontram o crustaceo, o qual, conforme affirmam os pescadores, se aproxima da costa á medida que o inverno avança.

As redes do *pilado* são formadas por um sacco de feitiço vulgar, com tres a quatro metros de fundo, e de dez a doze metros de circumferencia na boca, da qual partem, em posições diametralmente opostas, duas peças de rede, denominadas *mangas*, que têm aproximadamente de comprimento trinta metros, de altura junto á boca do sacco tres metros e meio, de altura no *caião*, ponta, um metro e meio. A malha, toda quadrada, tem 0,15 de lado no fundo do sacco, crescendo gradualmente até 0,30 na boca; a das mangas é toda de 0,32. É guarnecida com cortiçada miuda, com intervalos de cerca de 0,50, a tralha que orla os lados superiores das mangas e da boca do sacco, e com

da sua imprudencia. E n'estes desastres, a que tantas vezes temos assistido, quando não ficam sem as vidas, quasi sempre perdem barcos e aparelhos, e, sempre, o produto da pesca d'a-

pandu.hos, formados por pequenos tijolos lenticulares, cosidos de dez em dez centímetros, tralha oposta.

Aos dois calões estão ligadas pequenas hastes de madeira, das



Buarcos: transporte das redes.

próprio, um d'elles fundeia, deixando larga porção de amarra, conservando a bordo o chicote do cabo de dos calões de rede; o outro barco parte, largando a rede, que mergulha até ao fundo e dispondo-a de forma proximalmente circular, e, depois, navega até atraz ao primeiro, conservando a bordo o chicote do cabo do caião, que foi largado em ultimo logar.

Reunidos assim os dois barcos, segue-se a alar pelos cabos até que a rede, depois de ter varrido o fundo em grande extensão, volte á superficie, onde é despojado do *pilado* que he de ser recolhido.

Por este processo não se limita esta rede a apunhar o *pilado*; como é natural elle colhe todo o outro peixe de diversas especies, e, de bem de minutas dimensões, devido á pequeno tamanho das malhas d'essa rede de arrastar.

São utensilios inseparáveis das redes do *pilado* a *ganha-pão*, tambem chamados *xalavares*, pequenos sacos de rede de forma conica, tendo a boca es-



Futuros marinheiros... escola de navegação.





vergada em
cêrco, do qual
parte longo ca-
bo de madeira,
e servem para
baldear da rêde
para o barco a

pescaria colhida.

Os *arrastos* ou *chinchorros* do *pilado*, quando usados por um só barco, operam então da maneira seguinte: logo que o barco chega ao local da pesca larga a fateixa sobre boia, que, de ordinário, é um barril, e a esta amarra o *raçoero* ou cabo de um dos calões da rêde; navega depois, largando a rêde a fazer cêrco com ela, conservando por fim a bordo só o chicote da mão da *larca*, que é o cabo do outro ca'ão.

Chegado de novo á boia, é o barco aguentado sobre a fateixa, met do dentro o chicote do *raçoero* e alada a rêde pelos dois cabos até que venha á superfície e possa ser limpa do carangueijo que houver colhido.

O *pilado*, logo que é descarregado na praia, vende-se aos lavradores que o vêm procurar com os seus carros de bois e outros meios de transporte, chegando, por vezes, a ser muito disputado, e obtendo preços relativamente elevados.

E' em seguida lançado nas terras, sem outro preparo, ás vezes ainda vivo como saiu do Oceano, o que é para lastimar visto que, por



Buarcos: Traba

lhando e rindo.

tarmos da *matança da sardinha*.

este processo, não se tira a ele toda a vantagem que, como sabem os melhores e mais ricos em substancias azotadas, poderia fornecer á fertilidade do solo agrícola.

As companhias que exercem a pesca do *pilado* como *chinchorros* ou *arrastos* que acima descrevemos, partilham, em regra, em quinhões eguaes, o produto da pesca, cabendo dois á rêde, um á embarcação, um a cada companheiro, e uma fração a cada moço, segundo os serviços que presta.

Muitas vezes a partilha é antecedida pela dedução de determinada quantia, a qual é gasta em vinho, distribuido por todos os pescadores. Os sistemas de divisão, porém, variam de local para local e ainda mesmo dentro de cada localidade, sendo condicionados por fatores variadissimos.

Quanto ás circunstancias sociais e economicas dos pescadores do *pilado*, elas são perfeitamente eguaes ás que, ainda ha poucas semanas, quando aqui descrevemos desenvolvimento, um outro artigo, ao tra-

A. MESQUITA DE FIGUEIREDO.



Buarcos: O encalhe das bateiras do *pilado*. (Clichés do autor).

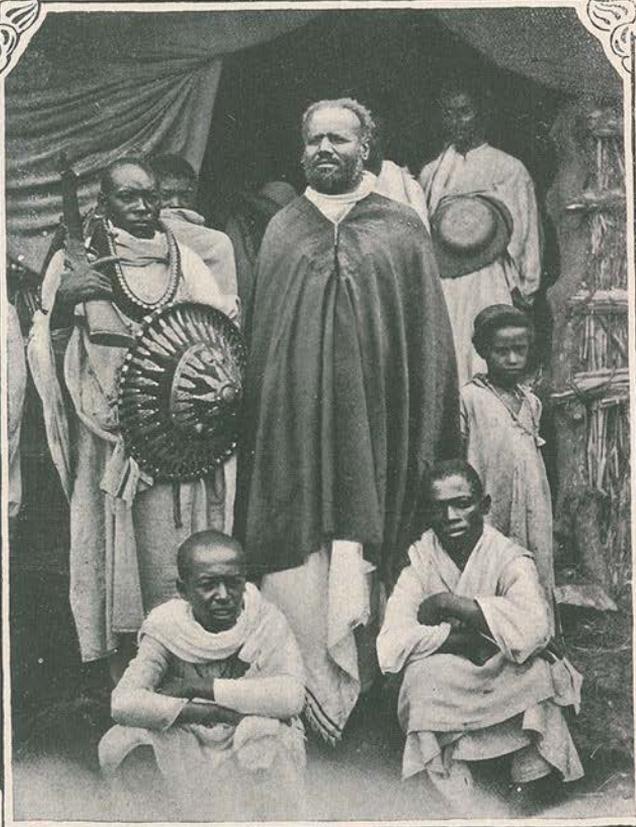
Os acontecimentos da Abyssinia

Finalmente o *negus* da Abissínia, Menelik, que há um a dois dias disseram morto, tenho o subido ao trono seu neto, ainda vivo. Não era verdade o acontecimento. A imperatriz Taitou

As legações estão defendidas por fortes destacamentos, tendo o encarregado dos negócios de Itália recolhido alguns dos seus compatriotas, apesar de, no bairro europeu, não haver tumultos.

nem por um momento teve influencia. As coisas não vão, todavia, no melhor dos mundos nas terras da Abyssinia. O que os telegramas nos narram prova como alguma coisa se trama contra o velho rei vencedor dos italianos, atualmente entregue á guarda de servidores fieis.

O que se paçou foi o seguinte: o herdeiro do trono, Liay-Jeassu, mandou render a guarda do palácio imperial. O chefe da antiga guarda Fitaurari Walde Mariam,



O Fitaurari Walde Mariam, o guarda de Menelik, que defende o palácio de Addis Abebas.
(Cliché Chusseau Flaviens).

que ali estava desde o começo da doença do *negus*, recusou entregar o comando ao chefe do Ghebbi. O conflito transformou-se n'um combate que durou seis horas, sem que os assaltantes conseguissem penetrar na residência, apesar dos defensores serem em pequeno numero.

perio, onde começam agora as lutas violentas, como as paixões que as acendem.

Parece que por toda a terra, na Turquia como no Mexico, no Japão como na Persia e como na Abyssinia ha uma inquietação estranha a anunciar talvez bem mais graves acontecimentos.

Como se vê, é um começo de guerra civil, á qual, ao que parece, não é estranha a imperatriz Taitou, a avó do herdeiro do trono, que tem sido sempre uma grande ambiciosa do poder.

Fitaurari, porém, não quer deixar a guarda de seu amo, o grande *ras*, que conseguiu unir a Abyssinia, desmembrada quando ele não era mais do que um senhor igual aos outros, hoje sob o seu cetro e sob o seu dominio.

D'essa união nasceu a força do im-

Figuras e Factos



1

O novo governador civil de Faro é o sr. dr. Adelino Furtado, que foi recebido com todas as homenagens devidas á sua categoria, ao tomar posse do distrito.



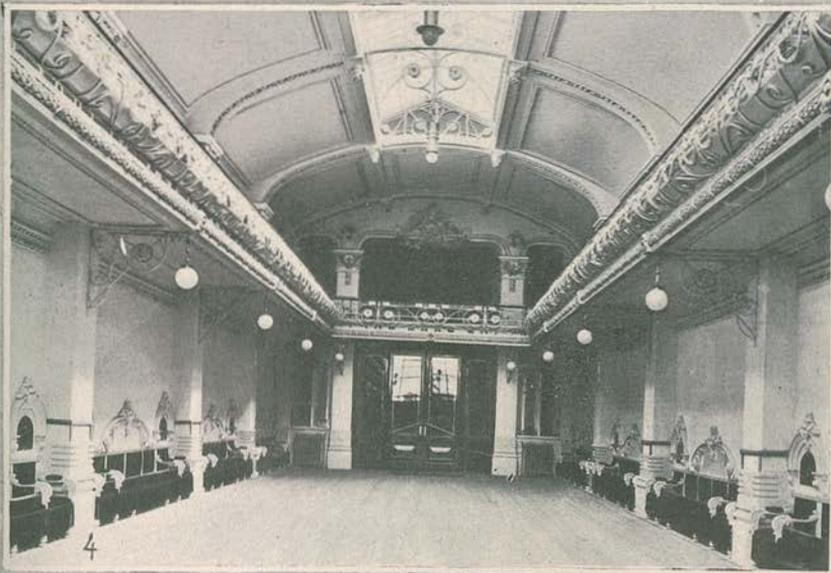
2

E' uma das mais prestigiosas figuras brasileiras o sr. dr. Joaquim Miguel de Siqueira, cuja açao tem sido d'um benefico e util resultado para o seu paiz.



3

O piloto João Gonçalves portou-se de uma forma intemerata quando do naufragio hiate da sua corporação, mostrando bem o seu grande valor e coragem.



4

1. Sr. dr. Joaquim Miguel de Siqueira, distinto ministro da fazenda do Estado de S. Paulo, é uma das figuras de maior prestigio, pela sua profunda illustração e iniciativas arrisadas, durante o governo do sr. dr. Rodrigues Alves.—2. O piloto João Gonçalves que caiu á agua e is sendo vitima quando do naufragio do hiate dos pilotos causado pelo vapor inglez *Teleflife*.—3. O sr. dr. Adelino Furtado, governador civil de Faro, no dia em que tomou posse do seu cargo, á direita o sr. dr. Joé Vicente Madeira, á esquerda o secretario geral, sr. dr. José Vaz Aboim. (Cliché do sr. Moura Veiga)—4. O novo salão d'espectaculo no Jardim Passos Manuel no Porto. (Cliché do sr. Augusto Pinto Charin Junior)

A princesa Vitoria Luiza, fi'ha do imperador da Alemanha, casou em 13 de fevereiro com o príncipe Augusto, duque de Cumberland e de Brunswick Lumburgo, herdeiro da casa de Hanover.

Causou uma grande impressão esta aliança, em virtude da atitude dos príncipes d'Hanover para com os Hoherzollern, desde a guerra de 1868. Diz-se que durou ano e meio a negociação entre a côrte de Berlim e a de Gumuden, sendo conduzida pela princesa Max de Bade, a quem o imperador deu o braço no dia do casamento.

Uma das clausulas do casamento foi o príncipe Ernesto Augusto do Hanover prometer alcançar todas as condições impostas aos príncipes confederados, as quaes não impedem o genro do imperador de manter os seus direitos ao trono de Brunswick.



1 e 2—Noivos reaes: Vitoria da Prussia, filha do imperador da Alemanha, e o príncipe Augusto de Cumberland, cujo casamento se realisou em 13 de fevereiro



O sr. ministro do interior realisou na Imprensa Nacional uma conferencia acerca da criminalidade, tendo descrito a evolução do criminoso e fazendo varias comparações curiosas, que tornaram a sua palestra uma das mais interessantes que tem sido ouvidas n'aquelle estabelecimento.



3. Os sr. drs. Antonio Macieira, Afonso Costa e Rodrigo Rodrigues, ministro dos estrangeiros, presidente do conselho, e ministro do interior, depois da conferencia por este realisado na imprensa Nacional.—4. Os *globbe trotters* zanzardi Atoia e Vianelo Eugenio, que percorrem o mundo conduzindo um tonel, seu unico abrigo, tendo já atravessado parte da Europa.—(Cliché do sr. J. Coutinho.)



O escultor sr. Tomaz Costa, autor da estatua do marechal Saldanha, dedicou a memoria de Garrett um pouco do seu tempo

e fez uma *maquette* destinada a comemorar um dos grandes escritores nacionaes. Nenhum outro, na su epocha, teve mais delicadeza d'expressão nem conseguiu deixar no teatro um tão grande drama evocativo como é o *Fr. Luiz de Sousa*.

Tendo sido diplomata habilissimo, jornalista, dedicado soldado da causa liberal, politico, romancista, dramaturgo, um dos mais elegantes do seu tempo, Almeida Garrett amava acima de tudo a litteratura e bem o demonstrou deixando nas paginas dos seus livros e nas cenas dos seus dramas a sua

melhor obra. Em Portugal formou-se uma sociedade de Garretteanos, que tanto tem cuidado da memoria do escritor illustre, promovendo em sua honra todas as consagrações e tendo o mesmo conseguido a sua transladação para o Panteon.

Agora o escultor sr. Tomaz Costa teve a lembrança de o perpetuar n'uma estatua que os admiradores d'esse raro talento litterario bem podiam mandar construir e que o governo poderia tambem secundar.

Ficaria bem n'uma das nossas avenidas ou em frente do teatro Nacional essa estatua do autor das *Viagens na minha Terra*, que tanto nos fez enamorar da doce Joanninha dos olhos verdes, o dramaturgo que tanto nos fez amar o *Alfageme*.



1. O tenente coronel sr. Joaquim de Souza Figueiredo, recentemente falecido.

2. O sr. Joaquim Marques de Souza, recentemente falecido.

3. O tenente de marinha, sr. Mario de Souza Coutinho de Figueiredo Pinto, genro do nosso colega do *Diario de Noticias*, sr. Fraga Pery de Linde, recentemente falecido.

4. O escultor Tomaz da Costa. — 5. A *maquette* do monumento a Garrett, trabalho do escultor sr. Tomaz da Costa.

O presidente da Republica de S. Salvador, foi alvo d'um atentado a tiros 'de revolver, quando saia do

pa'acio presidencia', morrendo em virtude dos ferimentos produzidos por esse intempestivo ataque.



1. Sr. major José Diogo Rodrigues Madeira.

2. Sr. dr. Manuel E. Araujo, presidente da Republica de S. Salvador, falecido em virtude d'um atentado.

3. Raul Carlos Ferreira da Costa, recentemente falecido.



4. A nova atriz Ester Durval, que se estreou na peça *O assalto*, de Bernstein, no teatro da Republica: Uma cena da peça com o illustre ator Augusto Rosa.

General João Maria Pereira

ra—Desde a saída do sr. general Carvalho, de chefe da divisão de Lisboa, teem se sucedido os comandantes militares da capital em virtude de serem atingidos pelo limite d'idade. O atual general da divisão é um brilhante oficial, o sr. João Maria Pereira, que conta uma larga folha de serviços.



1

1. Sr. dr. Antonio Rodrigues de Almeida Ribeiro, irmão do sr. ministro das colonias, recentemente falecido.

O desembargador, sr. dr. Antonio d'Almeida Ribeiro, faleceu ha dias, na sua casa de Celorico da Beira.

Era irmão do atual ministro das colonias e teve uma exemplar vida de bom cidadão e de integerrimo magistrado, causando o seu falecimento uma verdadeira dôr publica, como bem se manifestou pela imponencia do funereal, que foi uma grande demonstração de saudade.

General Francisco Nazaré Vieira

—Faleceu ha pouco o general Francisco Nazaré Vieira, que foi um dos mais distintos officiaes da sua classe. Pertencia á arma de artilharia, contava 80 anos d'idade e prestara muitos e valiosos serviços no exercito de que era um dos mais prestimosos membros.



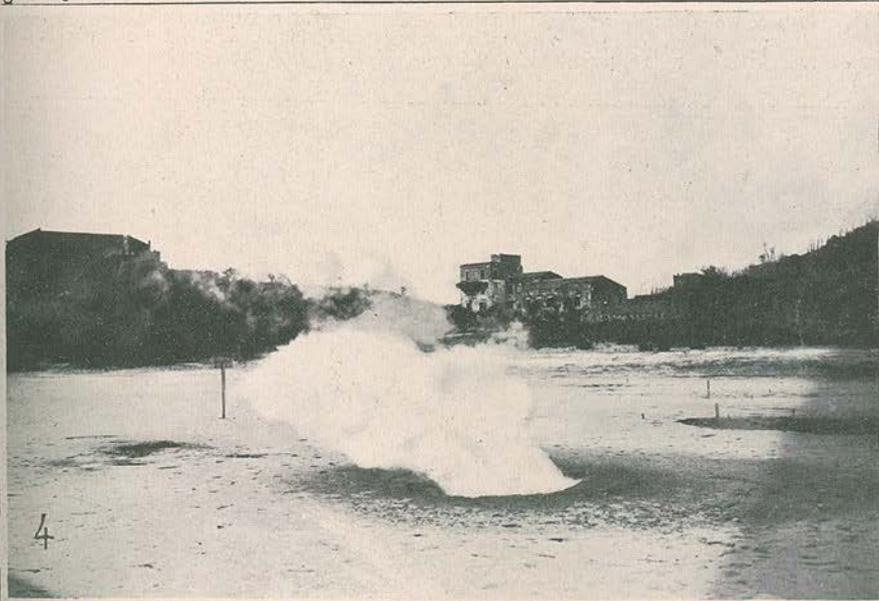
2

2. O novo general da divisão, sr. João Maria Pereira.



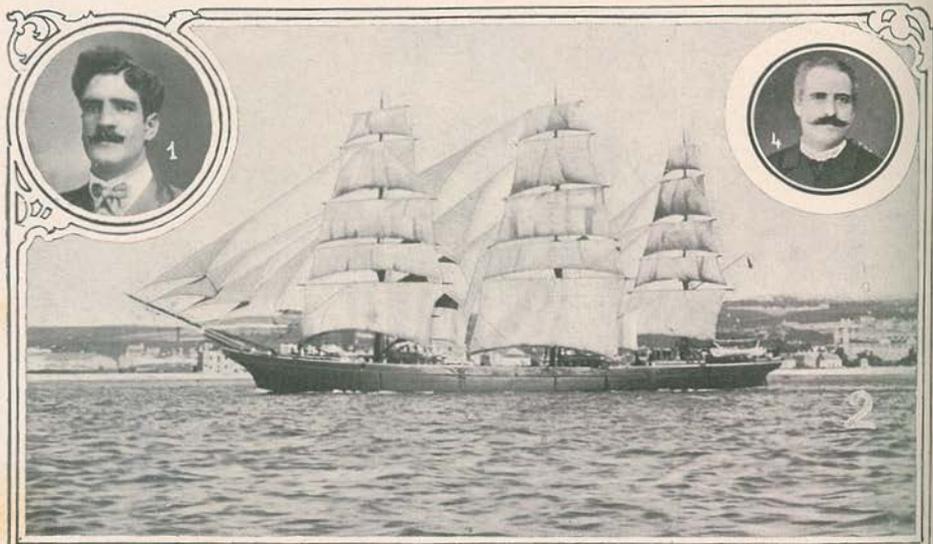
3

3. General sr. Francisco Nazaré Vieira, recentemente falecido.



4

4. O d'esoertar d'um vulcão: em Pouzzoles, perto de Napoles, fr-nteiro ás ilhas d' schia e de Procida reabriu-se a cratera d'um vulcão ha muitos anos extinto. (Cliché Abeniacar).



1—Comandante da *Pero d'Alemquer*, sr. Horacio Barros. 2—O *record* da travessia do Atlantico é batido pelo *Pero d'Alemquer* ao serviço da marinha mercante. 4—O proprietario do *Pero d'Alemquer*, sr. J. A. Silva.

O *Pero d'Alemquer*, que pertencia á marinha de guerra, foi vendido em hasta publica, sendo adquirido pela firma J. A. Silva, que o entregou ao comando do experimentado oficial de marinha mercante sr. Horacio de Barros.

O barco acabou de realizar uma verdadeira façanha, batendo o *record* da travessia do Atlantico, pois, tendo saído

de Lisboa em 19 de dezembro, com destino a Nova Orleans, efectuou essa marcha em 26 dias e 13 horas, ganhando o *record* dos navios de vela por dois dias. A imprensa de Nova Orleans celebrou jubilosamente o facto, enaltecendo as qualidades do marinheiro portuguez, que já batera tambem o *record* de Lisboa á costa occidental de Africa.



3—O enterro do *chauffeur* Manuel d'Oliveira Junior Chibabeque. O cadaver foi conduzido em automovel e todos os convidados se serviram do mesmo meio de transporte.

DUAS PEÇAS D' HENRI BATAILLE

Les Flambeaux
— L'Enchantement.

No teatro da Porte Saint-Martin, de Paris, a mais recente peça de Mr. Henry Bataille, *Les Flambeaux*, continua seguindo uma carreira gloriosa. Agora, a Renaissance faz a reprise de *L'Enchantement*, que foi a primeira comedia do autor representada n'um teatro do boulevard, ha doze anos. Mr. Henry Bataille conquista a consagração a que o seu grande talento lhe dá direito: o seu nome contar-se-ha como o primeiro entre os dramaturgos da sua terra e do seu tempo.

Eu não pretendo rezumir o entrecho d'essas duas peças admiraveis: em primeiro logar porque não saberia dizer-lhes o brilho literario que a ambas dá grande parte do seu merito e do seu encanto; e, em se-



gundo logar porque eu creio que em pouco tempo as conhecerá o publico de Lisboa que peccado seria deixar na convicção de que a literatura dramatica franceza de hoje em dia se limita a fazer...

Berg-op-Zoom. Dir-lhes-hei apenas, para perfeito entendimento dos titulos, que no *Enchantement* é uma rapariga de dezeseis anos quem, amando o marido da irmã mais velha, que se casara

por interesse, faz nascer no espirito d'esta uma intensa paixão pelo homem que antes lhe fôra quasi indiferente; e que *Les Flambeaux* são as grandes ideias que iluminam a humanidade ou são, mais restritamente, os homens superiores que as servem, as conduzem e, por assim dizer as representam. No *Enchantement* é o conflito entre um amor de irmã e um ciume de mulher; nos *Flam-*



1. Mr. Henry Bataille.—2. O ultimo ato dos *Flambeaux*.—(Cliché Photo Theatre)

beaux é o conflito entre a Idéa e o Facto, a macula inevitável d'essas idéas puras encarnando transitoriamente no nosso barro vil.

O traço d'união entre essas duas peças encontro-o n'uma *interview* concedida por mr. Henry Bataille a um jornalista nas vésperas da representação dos *Flambeaux*.

«Quando releio esta peça — disse o dramaturgo referindo-se ao *Enchantement* — reconheço-me, quasi vinte anos depois, cruel, ironico, entusiasta, ante as crises d'amor, mas desprovido de piedade profunda; ardente e apaixonado, mas decisivo nas minhas sanções. Eu tinha vivido a minha infancia e a minha juventude, mas não ainda a minha jornada d'homem. Ah! a minha chama, a minha bela chama que nenhuma sombra tinha escurecido ainda, como eu a encontro n'essas paginas intuitivas!

«E depois, vivi... Fez-se em mim o trabalho dos anos, o grande tumulto e a desordem desensações que traz a vida, e eu compreendi melhor o magnifico sofrimento do amor, d'esse amor de que ao principio o brilho e a impetuosidade soberana me tinham sobretudo penetrado. Em cada uma das minhas obras parece-me que, desde então, uma humanidade melhor e mais terna fez pensar e agir as minhas personagens, e que me esforcei melhor por ser piedoso para as misérias do amor que traduzi mais intimamente, para os esforços sobrehumanos da paixão nos conflitos desesperados.

«Sim; penso que, embora considerando e exprimindo a verdadeira vida, eu puz em ação as idéas que são ao mesmo tempo como que a escusa e a radiação da obra; e não lhe ocultarei que ha nos *Flambeaux* um personagem que julgo

exprimir os meus sentimentos: é o filosofo Herner, que primeiro viveu as crises enebriantes da paixão e que procura depois comprehendel-as no apaziguamento do seu espirito.»

Está já muito dito, mas é mister sempre repetil-o—porque é essencial: toda a originalidade, todo o encanto, toda a razão do triumpho irrecusavel das peças de mr. Henry Bataille vem principalmente de que elas não

são apenas a obra d'um homem de teatro mas tambem, e sobretudo, d'um poeta. O autor da *Femme nue* começou a sua carreira literaria fazendo o verso, e as qualidades superiores que notabilisaram esses seus primeiros livros, postos ao serviço da arte dramatica, deram as mais imprevistas, as mais belas, as mais audaciosas concêções, realizadas na forma mais sedutora e mais perfeita. E deram, sobretudo, a essas obras de teatro um *segundo sentido* mais amplo, um poder de expressão que vae além do quadro em que se movem as personagens que nós vemos, arastando-nos sem esforço, quasi sem das

largas generalisações.

Quando o pano cae sobre o derradeiro ato d'uma peça de mr. Henry Bataille toda a intriga, desfeita finalmente por um meio de teatro, se escapa do nosso espirito, cedendo o logar a uma impressão de outra ordem, mais vasta, mais profunda, que vae além do aspéto cortical da vida para atingir a sua propria essencia. A peça acaba, bem ou mal pouco importa: n'esses tres ou quatro atos o impulso que recebemos foi mais forte, o vôo d'arte le-



Mademoiselle Berthe Bady. (Cliché H. Manuel).



Mr. Le Bargy, em *Les Flambeaux*.
(Cliché Valery).

quando o autor não tinha ainda trinta anos, nós encontrámos, não em esboço mas em desenvolvimento pleno, as superiores qualidades da mais recente d'elas todas.

Encontrámo-las, n'um quadro mais niilmo, em creaturas mais vulgares, mais terra-a-terra, e, por consequencia, mais proximas de nós; encontrámo-las jogando com sentimentos, não precisamente mais humanos, mas, se assim e poderá dizer, mais *médios* e que por isso mesmo nos são mais familiares.

Mas os principios são os mesmos—

vou-nos longe, bem mais longe que esse trecho de vida flagrante, infinitamente mais longe que esse desfecho que quasi nos não interessa. E tal é o milagre do poeta admiravel que em mr. Henry Bataille sobreleva o analista ou, melhor dizendo talvez, o completa.

Nos *Flambeaux*, como na *Femme nue*, como na *Poliche*, como ainda na *Vierge folle*, no *Enfant de l'amour* e no *Enchantement* isso succede.

Certo a vida nos aparece n'essas peças em alguns dos seus aspéto mais dolorosos; certo, em em quasi todas, ha entes anormaes, creaturas de instintos, sentimentos que o burguez compreende em segredo mas não gosta de vêr em cêna; mas essas miserias todas, pobres miserias do nosso barro fragil, não as apresenta mr. Henry Bataille, nem para nos surpreender pelo escandalo, nem para nos ensinar ao desprezo ou á revolta. Uma ou outra mais cruel sanção das suas obras primeiras não muda, pense embora o autor um pouco o contrario, o espirito fundamental, que é comum a todas elas.

As obras de mr. Henry Bataille, são, desde a primeira, obras de piedade, de clemencia.

Sem duvida, o campo da sua filosofia alargou-se.

Do *Enchantement* aos *Flambeaux*, ha um longo caminho andado.

Mas os seus principios são os mesmos; e n'essa primeira peça, escrita



Mademoiselle J. Fanard, a *Jamie* de *L'Enchantement*.
(Cliché Reuthinger).



repito; a generosa filosofia é igual; e sempre a mesma poesia tudo envolve, adoçando aspe- rezas, atenuan- do culpas, ban- nhando as almas n'uma atmofe- ra de bondade e de perdão.

Mademoiselle Suzanne Des- prés interpreta *Les Flambeaux* com uma nobre- za, uma digni- dade, uma cor- reção incompa- ráveis.

No *Enchante- ment*, o talento de Mademoiselle Berthe Bady dá-nos instantes da mais intensa comoção.

Nas duas gran- des artistas, a cujos esforços se reúnem com exi- to os dos seus ilustres cam- aradas, mr. Henry Bataille teve a boa for- tuna de encon- trar as interpre- tes que a sua ambição de au- tor poderia de- sejar.

Paris, feverei- ro de 1913.

Paulo Osorio.

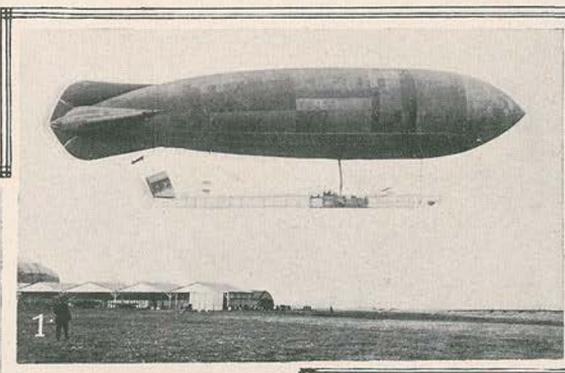
O rei de Hespanha n'um dirigível

A Hespanha tem já a sua esquadilha aerea. Um movimento patriótico enorme se tem feito a favor d'esta iniciativa que ha pouco teve o seu grande exito no campo de Quatro Vientos.

O rei passou revista aos aeroplanos e logo os officiaes hespanhoes que os pilotam, os srs. Barron, Herrera, Alonso, Baños, Bayo e Olivé, largaram ao mesmo tempo começando a fazer esplendidos vôos, evolucionando sem a menor novidade.

Tambem na mesma occasião dois pilotos estrangeiros voaram sobre o campo de Quatro Vientos. Otto Linnekogel passou sobre Madrid: Prevost subiu a 680 metros. O rei de Hespanha felicitou-os bem como aos seus officiaes, sendo tambem muito aplaudidos pelo povo

veis, que ele mesmo guiz, e já quiz subir n'um aeroplano, o que lhe não consentiram os seus amigos, decidiu, sem que cousa alguma se pudesse opôr á sua vontade, fazer uma travessia no *Espana* no poligono de Guadalajara. O rei foi acompanhado pelo piloto do dirigivel Kindelau, coronel Vives, general Morera e o principe de Battenberg, que subiu em logar do general Bancos que durante os preparativos fôra chamado apressadamente para assuntos urgentes, e teve que abandonar a barquinha. Tambem o capitão Jimenez



1—O rei de Hespanha a bordo do dirigível *Espana*

2—A rainha de Hespanha seguindo o vôo do dirigivel onde ia Afonso XIII. (Clichés Delius).

Minas acompanhou o rei. No campo a rainha seguia as evoluções do dirigivel que se balanceava galhardamente no ar; um sequito brilhante via aquela travessia e, sem duvida, áquela hora muitos corações batiam de medo pelo rei, que se expunha assim para a satisfação d'um capri-

cho, para a realização de mais essa sensacional comocão de pairar nos ares.

Afonso XIII seguiu tranquilamente a viagem e quando poz pé em terra deante dos seus amigos e da rainha, da corte, exclamou sorrindo:

Este é para senhoras!

Aludiu depois á serenidade com que se fizera a ascenção e a viagem, que decorreram magnificamente. A aviação militar está despertando em Hespanha um grande entusiasmo, tendo sido já adquiridos mais monoplanos e tratando-se da construção d'um novo dirigivel.

Costumes Portuguezes

O sr. comendador José Albino Pereira de Carvalho, distintissimo fotografo amator, tendo recebido em todas as exposições e certamens a que concorreu as mais valiosas consagrações e os maiores premios, figura irmã de Carlos Relvas, dedicou a sua esclarecida atividade artistica ao estudo do traje do povo



No Minho: Pastora.

portuguez, conseguindo reunir uma bela coleção de tipos etnograficos das varias provincias portuguezas, alguns já hoje completamente extintos ou extremamente raros.

Na sua deliciosa quinta da Areosa, nos arredores de Viana do Castelo, nas poeticas margens do Lima, o rio do *esquecimento*, tem instalados os seus magnificos ateliers fotograficos, montados com todos os aperfeicoamentos modernos, e pena é que o seu precario estado de saude, nos ultimos tempos, não tenha consentido ao illustre ama-

dor de proseguir na tarefa que a si proprio patrioticamente se impôz.

Inicia hoje a *Ilustração Portuguesa* a publicação d'essa soberba galeria de trajes regionaes portuguezes, que, como acima dizemos, teem subido valor scientifico, e são uma contribuição preciosa para o conhecimento perfeito da etnografia do povo portuguez.

O estudo do traje popular como o da habitação da industria e arte, bem como das fórmas sociaes da organização da familia e da pro-



No Alemtejo: Menina da mantilha.—(Clichés do ilustre amator sr. Albino Ferreira de Carvalho.)

priedade, são outros tantos curiosissimos capitulos da etnografia, ciencia que, á parte os estudos *folk-loricos* e um ou outro artigo disperso, tão pouco cultivada tem sido no nosso paiz, e cujo desenvolvimento tanto contribuiria para despertar em nós, portuguezes, energias patrioticas do mais alto valor.

A. Mesquita de Figueiredo.

•:✠ A REVOLUÇÃO NO MEXICO ✠:•

A revolução do Mexico tem o aspéto singular d'uma luta clara d'interesses partidarios. O paiz soffre no meio dos bandos armados que o percorrem lutando por um ou por outro dos pretendentes á presidencia da Republica, o que lembra até as lutas nas antigas realezas.

O presidente Porfirio Diaz, ha pouco afastado violentamente do poder, governara durante muitos anos quasi n'uma ditadura disfarçada, que a nação não quiz tolerar, indo buscar para a suprema magistratura do Mexico o grande industrial Madero, que ascendeu ao poder em favoraveis circunstancias, julgando-se que se ia inaugurar uma epoca de concordia.

Dentro em pouco, porém, o general Felix Diaz, sobrinho de Porfirio Diaz, atualmente em Hespanha, levanta



1. O presidente Francisco Madero, contra quem se fez a revolução.—2. Avenida 5 de Maio, perto do teatro Nacional, onde os revoltosos se entrenchinaram.

tava parte da guarnição da capital e propunha-se assaltar o poder.

Foi ouvido, enclausurado e condenado á morte, acabando, todavia, o governo por comutar a sua pena em prisão perpetua.

Entretanto, conspiravam os seus adeptos e ha pouco rebentou novamente a revolução, tendo-se travado grandes combates nas imediações do palacio presidencial, que os ministros e o presidente foram obrigados a abandonar, fugindo para os arrabaldes e deixando a capital entregue ao general Huerta, que se propôz bater os rebeldes,



3—Felix Diaz, candidato dos rebeldes.



desalojando-os logo das imediações do arsenal, que eles queriam tomar para assim impedirem as tropas fieis de se abastecerem de munições. Os alunos da escola militar, á frente dos rebeldes, foram soltar Felix Diaz, que logo



tomou o comando dos seus soldados, attingido a luta tão grandes proporções que se tornou impossivel a Madero garantir os estrangeiros, tendo-se demittido do poder, unica condição que os contrarios impunham para um armisticio.



1. O palacio nacional contra o qual se fez o maior tiroeteo e onde se buicou aprisionar Madero.
2. Sr. Balbino Davalos, ministro do Mexico em Lisboa. (Cliché Lazarus)—3. O deposito de cartuchos de que os revolucionarios procuraram apossar-se.

LÍRIOS



Oh lírios roixos da serra
Nessa côr amargurada,
Vejo a tristeza magoada
Das canções da minha terra.

Avivas as minhas mágoas
Lírio roixo das campinas,
Quando triste te reclinas
Debruçando-te nas águas.

Os enxames com delírio
Em pertinazes voejos,
Vem matar os seus desejos
No ventre roixo dum lírio.

Lírios brancos, criancinha,
São risos da tua vida:
Os roixos de haste pendida
São as lágrimas da minha.

Ingénuo lírio nevado,
Lírio alvo, côr do linho,
Lembra a tua côr d'arminho
Um vestido de noivado.

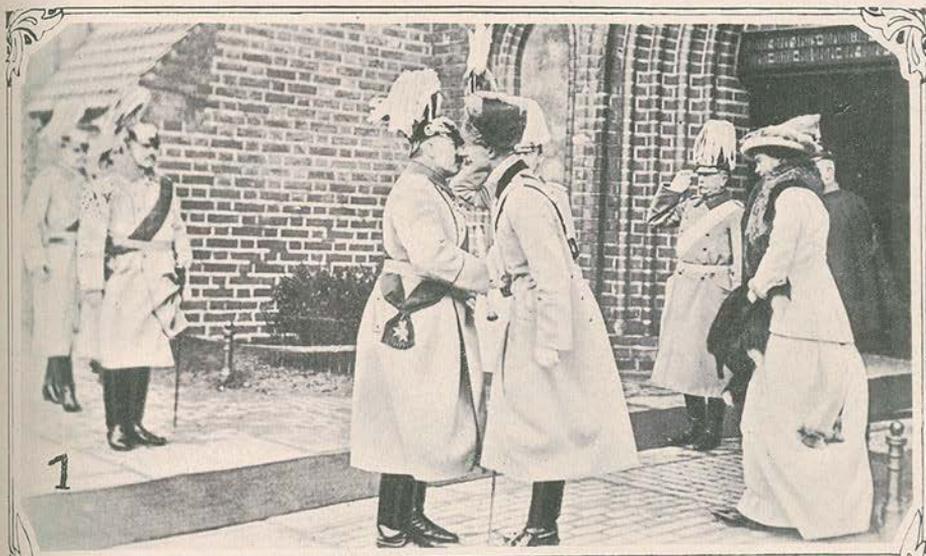
Aurora! tintas vermelhas...
Amor! fugaz devaneio

.....
Lírio branco abre o teu seio
Que vão beijar-te as abelhas.

Porto Franco, 16—1—1913.

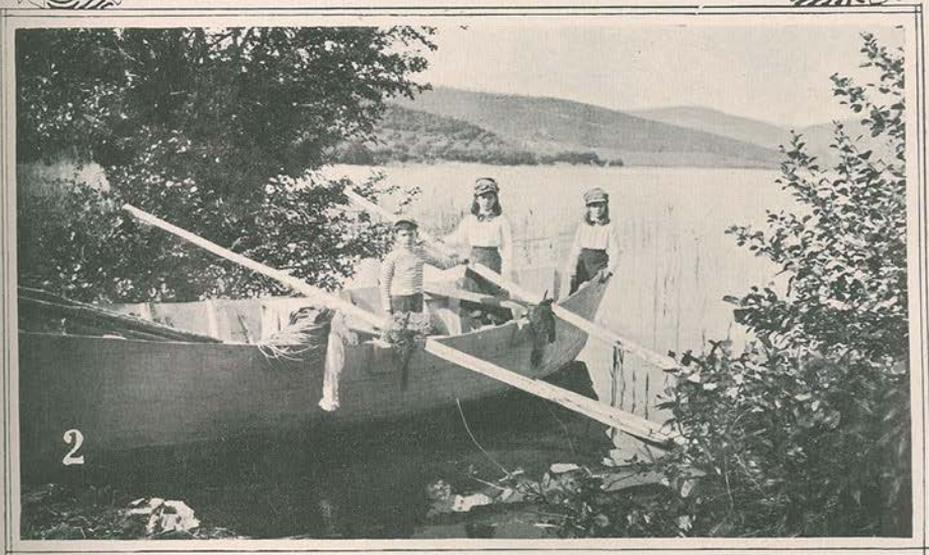


Gil Montenegro



1. Festa patriótica em Koenigsberg para celebrar o centenário da libertação dos alemães do jugo napoleónico. O Kaiser beija o príncipe herdeiro. (Cliché Hugelmann)—2. Os príncipes Humberto e as princezas Yolanda e Mafalda, filhos do rei d'Italia, no lago Bracciano. (Cliché tirado por seu pae, Vitor Emmanuel III, e publicado n'um album a favor do hospital de Ariccia, destinado às creanças pobres de Roma. (Reproduzido por Abeniacar).

Todos os anos, em Koenigsberg, onde o general portuguez Gomes Freire d'Andrade foi governador quando Napoleão dominou a Alemanha, se celebra o aniversario do fim do jugo francez. Um dos atos mais interessantes da cerimonia é o beijo que o Kaiser, diante de todo o estado maior, dá ao príncipe herdeiro e a que se assiste comovidamente.



A GUERRA DOS BALKANS

Os bulgaros são implacáveis. Bombardeiam Andrinopla e coisa alguma os deterrará. Ao começo julgou-se ainda que tal não sucederia, mas, depois, compreendeu-se ser sobre a cidade cerca-da que eles, realmente, de-

que lhe assistia de proteger os subditos francezes, mas tudo deba de. Então, o ministro em Sofia dirigiu-se ao governo bulgaro, fundando-se na tésé que o bombardeamento de civis é uma deshumanidade. Propoz duas

sejavam exercertoda a sua terrível violencia.

O bombardeamento proseguiu sem treguas. Um círculo de ferro estreitou a cidade e a luta começou, feroz e encarniçada. Os consules pediram que fosse creada uma zona neutra, onde os estrangeiros se pudessem refugiar, mas receberam a mais completa recusa dos bulgaros, que de clararam não haver em guerra alguma semelhante precedente. Responderam-lhe que, visto tratar-se d'um ato justo e humano, poderiam fazer a inovação. Continuaram ferozmente o assedio. O ministro de França

soluções para esse caso, que tanta impressão causava em todo o mundo: ou a zona neutra, ou a permissão dos estrangeiros deixarem a praça assediada.

O governo bulgaro de novo recusou, fundado em que não havia precedentes. Então os representantes de todos os paises fizeram igual reclamação, a que se respondeu com o redobramento do bombardeio. A guarnição de Andrinopla — dizem os telegramas — está desmoralizada por esse bombardeamento ininterrupto.

Desertou muita gente do exercito turco e Enver



O farol de Galipoli: a região onde os turcos hateram os bulgaros.
(Cliché Chusseau Flaviens)

dirigiu-se ainda ao chefe do exercito, que lhe respondeu não ter a certeza de que dentro d'essa zona apenas se recolhessem os estrangeiros.

Insistiu depois acerca do dever

bey e Nizam bey partiram para socorrer Andrinopla com um grande troço d'exercito.

Se os bulgaros por sua vez sofrem um cerco, se em volta dos seus campos tropas tur-



Em torno d'Andrinopla assediada: um dos acampamentos bulgaros.

cas os vêem atacar é crível que ainda Andrinopola se liberte, sobretudo se a ação otomana se exerce tão felizmente como em Galipoli, onde o inimigo foi derrotado.

A resistência da guarnição turca não enfraqueceu. Conta-se que uma grande deputação, tendo á frente o arcebispo Armenio Tourriau, se dirigira ao chefe d'exercito de Andrinopla a mostrar-lhe a lamentável situação da praça, todos os horrores e o que todo aquele povo estava sofrendo em virtude da teima em não se renderem ao inimigo implacável e feroz. O metropolitano grego também acompanhava o prelado armenio e diz-se que como unica resposta Chuckri Pachá mandára enforcar am-



bos para exemplo. Decorrem assim os episodios tremendos d'esse cerco já historico que, de parte a parte, representa crença e valor. Entretanto, em Londres, os embaixadores continuam

a trabalhar, esperando regular os problemas da Albania, do archipelago, da divida otomana, etc.

Em Scutari as batalhas seguem-se e os bulgaros e românicos parece que vão restabelecer as suas negociações, tomando conta d'elas Danieff, o chefe do gabinete bulgaro, e o principe Gika, ministro da Roumania em Sofia, e, como se sabe, um dos pretendentes serios ao trono d'Albania.

Entretanto, a Russia tem segredos com a Austria por intermedio do principe Hohenlohe.



1. O general Chukri Izzet Pachá, novo generalissimo turco.—2. Uma manifestação joven turca a favor da guerra em Constantinopla. (Clichés Archives do Miroir)

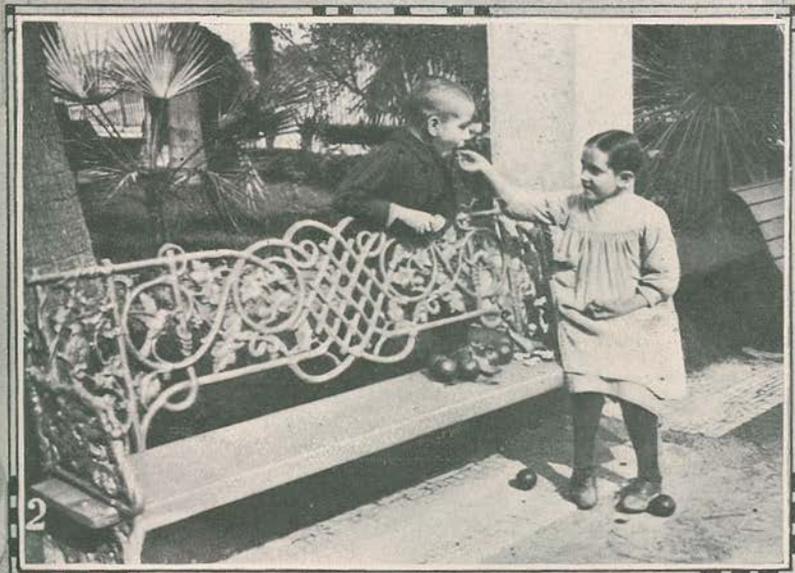
AS LARANJAS

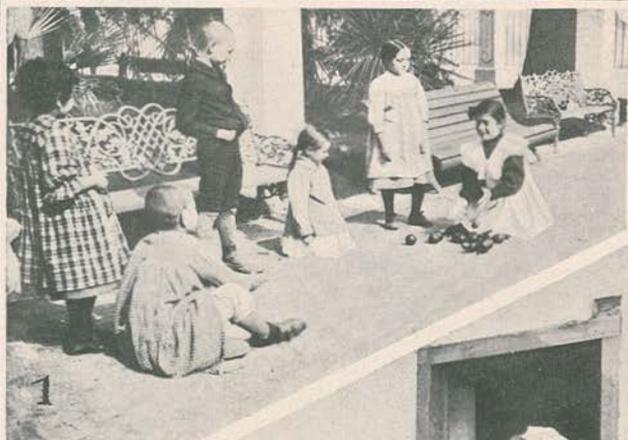


1. Um belo cacho de laranjas. (Cliché do sr. João de Magalhães Junior.)—2. A guloseima d'um gomo.

Nos jardins das Hesperides—as ilhas que dois milionarios splenicos e britanicos procuram a beira de Marrocos—havia os pomos d'o ro: a fortuna da terra encantada.

Deviam ser exarcebadas mais do que hoje as imaginações e esses esplendidos e maravilhosos frutos ser'iam apenas apetitosas laranias. Ha occasões tambem em que elas valem mais que um bom pedaço d'oiro, em que cousa alguma as paga.





1

1. Brincando com a fruta—2. A esmola d'uma laranja para a sede.
3. De posse do logar. — (Cliché do sr. João de Magalhães Junior)

Gustavo Flaubert — o grande autor de *Madame Bovary* e da *Salamô* — muito bem a experimentou. Em plena Argélia, ele, com um seu amigo, longe dos povoados, em campos distantes, sob um calor torrenciente, o romancista sentia uma grande sede, e então o amigo, espirituoso, homem de letras também, falou n'estes termos, sentindo as guelhas pegadas:

—E se estivessemos agora á porta do Tortoni, comendo a nossa neve, um d'aquelles blocos que refrescam e...

Não o deixou acabar. O suplicio da sede ia fazer d'ele um assassino. Nos seus o'hos apareceram c'arões sinistros. Mais tarde confessou o seu desvairamento ante aquella evocação do gelo quando morria de sede, e também deitou na



2



3

sua linguagem escultural a sua benção á laranja, comida á sombra da arvore—pouco tempo depois—no hortejo d'um indigena.

Mal sabia ele, quando plantára, or brincadeira, a sua arvore, a regá-a, a tratara, que la receberia um tia semelhante á consagração.

Na nossa terra é que os poetas a eviam cantar fructo d'oiro pendente das ramarias como um balsamo, fresca sob as soalheiras fortes, eternamente perfumado. Chamam á Italia o saiz das laranjeiras, mas Portugal tambem poderia ter esse nome. E' vèl-as do norte ao sul, umas mais altas, outras redondinhas, carregadilhas dos pomos f'oiro, que naturalmente fizeram a reputação das Hesperides.

O horticultor tra-a-as e cuida-as, em como se estivesse a refrescá-las para lhes dar mais sumo, como se a agua fosse a transfusão de

sangue novo praticada pelos físicos nos seculos passados, de corpos juvenis para os de grãos senhores enfraquecidos.

Os pomares são sem conto por aí fóra; as arvoresitas ajoujam-se até á hora da colheita cautelosa, feita de fórma que o fruto não se amolgue até ao seu acondicionamento nas canastras, para o embarque e para o transporte nos caminhos de ferro.

A boa laranja nacional tem fama e os inglezes, em cujos mercados ella entra como um adorado appetite, que o digam. Quando os marinheiros britânicos saltam em terras de Lagos ou de Lisboa, por estes tempos que vão de dezembro a julho, é vèlos, comendo á dentada a preciosa laranja, mesmo com a casca, pensando talvez, na sua heresia de protestantes, que foi ao comel-a s, n'uma tarde de calor, n'um verão ardente da Palestina, que um santo creou a frase divina: Oh que doce fruto!

Vão aos jigos, vão aos cabazes,

são milhões que embarcam a dizer da sua abundancia n'esta terra, a mostrarem a sua beleza, a fazerem a reputação de uma das nossas cidades.

Setubal — á beira do Sado — com os seus pomares floridos, é a terra da laranja. Com o salmonete e a laranja, a cidade tem os seus pergaminhos. Terra de

pe'xes vestidos de cardeaes e de frutas enroupadas d'ouro. Que mais quer Setubal?! Mas acresce-lhe ainda ser a terra de Bocage,

o poeta que a tudo fez epigramas mas deixou a laranja em paz, talvez n'um culto pelas lembranças da mocidade em que as via douradas e lindas, fazendo as delicias dos seus olhos.

Essa laranja de Setubal até se põe em calda. Deixa então de ser uma coisa boa para ser um mimo; tem, como certas mulheres, o condão de já mais esquecer que as vimos e, como certos aromas, a qualidade de já mais a olvidarmos. A's vezes, de repente, atravessando um campo, fixando uma arvore, ella recorda e vem o cheiro á pituitaria e vem o sabor á boca. Dilatam-se as narinas, move-se a lingua, quanto mais não seja, para exclamar:

Abençoadas laranjas de Setubal!

No emtanto, passando por essas ruas de pé e perna, ladinhas, engraçadas, as vendedeiras, com os seus jigos cheios do belo fruto, apreçoam-nos assim, dolentemente:

O' laranja da China!

Ha tambem quem lhes chama da Baía e engrosse a voz, com respeito, ao falar d'ellas, que são d'aí d'esses horteiros frescos do arrabalde e de todo o paiz, sem nada de chinez, sem coisa alguma de baiano.

Mas i to é o habito de denegrir a patria, de que falava Eça de Queiroz entre ironico e triste.



Junto á laranjeira: Não façam cerimonia (Cliché do sr. João de Magalhães Junior).

A expedição Scott ao Polo Sul

Em 30 d'outubro uma expedição partiu de Cap Evans em busca do capitão Scott cuja sorte causava grandes inquietações, pois que, tendo ido à descoberta do polo sul, jámais se receberam notícias suas e dos seus compa-



O *Terra Nova*, preso nos gelos

nheiros. Esta expedição foi organizada pelo medico de marinha Atkinsons, que, pondo-se a caminho, levou provisões para tres mezes.

Chegando ao campo de One-Ton, encontrou na melhor ordem as reservas de viveres de Scott. Avançou sempre para o Sul e, em 12 de novembro, apercebeu a tenda do explorador, onde encontraram o seu cadáver, o do tenente Bowers e o do dr. Wilson. Ao cabo de certo tempo, conseguiram restabelecer a verdade acerca d'a uelhas mortes. O primeiro que morreu foi o aspirante de marinha Evans, ficando sob um enorme bloco de gelo, em 12 de



A tripulação que seguiu o capitão Scott no Terra Nova.

fevereiro de 1912, ao pé do lago Beardnovre. Depois morreu o capitão Oats, que, tendo as mãos e os pés gelados, expirou no meio dos maiores sofrimentos. Scott começou a caminhar para traz, chegando a onze leguas do campo de One-Ton, que não pôde atingir em virtude d'uma tempestade de neve que durou nove dias.

Na tenda encontraram também um caderno onde se explicava que tinham chegado a uma temperatura de 30 graus abaixo de zero durante o dia e 47 durante a noite. Um ciclone passou sobre eles; os viveres acabaram.



O capitão Scott e sua mulher, a bordo do *Saxon*, antes de embarcarem no *Terra Nova*.
(Clichés Archives du Miroir)

Havia n'esse caderno a nota clara que estavam exgotados. A fadga, a fome, acabou-os. Scott, todavia, escrevia estas palavras memoráveis pouco tempo antes de sucumbir:

«Não lamento esta viagem que demonstra que os ingleses sabem afrontar coraiosamente a morte.»

NO SECULO A VISITA DOS ALUNOS DO LICEU PEDRO NUNES

Os alunos do liceu Pedro Nunes visitaram, ha dias, as ex-mpares installações do *Seculo*, que de cia para dia mais se des- envolvem, sendo algumas

cal das installações, sr. Francisco Antonio Faisca Junior, que os pôz ao corrente das diversas funções d'aqueles aparelhos. Foi muito minuciosa essa

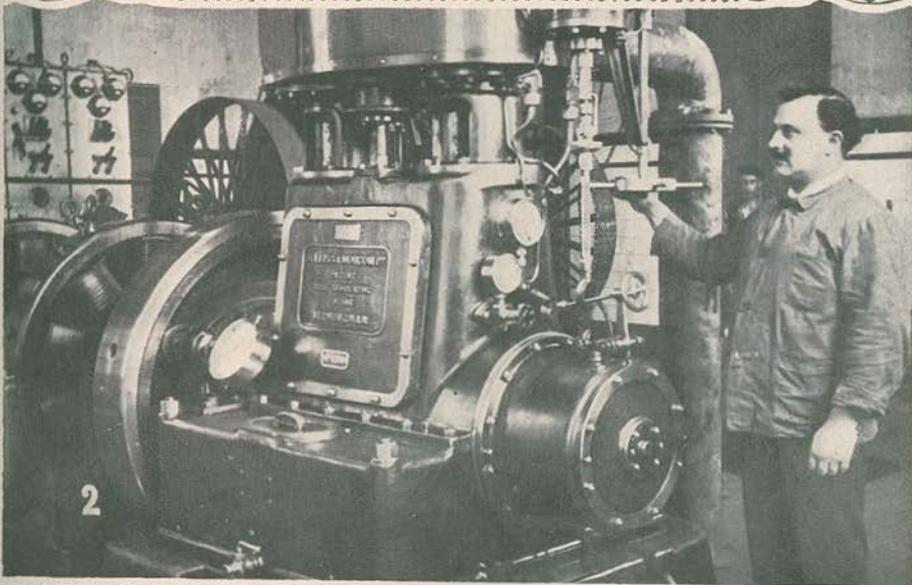
d'elas — como as d'electricidade, fotografavura e maquinismos — verdadeiros modelos do genero e sem equal no nosso paiz, merecendo bem ser visitados.

Os estudantes percorreram todas as oficinas, assistiram a varios trabalhos, tendo ouvido a explicações do fis-



1. Os alunos durante a visita acompanhados pelo seu professor sr. dr. Luiz da Camara Reis e pelo fiscal das oficinas do *Seculo* sr. Faisca.

visita de estudo, que de veras interessou os alunos do liceu Pedro Nunes, que deixaram o *Seculo* verdadeiramente encantados e tendo compreendido a grande obra que aqui se realiza, graças ao patente esforço do seu illustre director, sr. Silva Graça.



2. A maquina a vapor da nova oficina de electricidade do *Seculo*, tendo ao lado o chefe sr. J. Soares d'Almeida.

(Clichés de Benoit)

OS JORNALISTAS INGLEZES NO PORTO

Em casa do esculptor PINHEIRA LOPES



A Sociedade Propaganda de Portugal convidou alguns jornalistas ingleses a visitarem o nosso paiz, começando a excursão pelo Porto e Braga

e tendo ficado os nossos hospedes encantados com as belezas da nossa paisagem e atenções de que foram alvo.



1 e 2. Aspetos da visita ao atelier.